Guilherme Parente e a cor dos sonhos

Para falar da pintura de Guilherme Parente, o pintor Eurico Gonçalves utiliza expressões como pureza e autenticidade, que são, seguramente, das que melhor sintetizam a riqueza do universo pictórico e do imaginário do autor dos quadros que agora podem ser vistos, na Capela do Gandarinha, em Cascais, pujantes de cor e exaltantes pela forma como apelam à nossa capacidade de sonhar e de transfigurar o real. Esta é mais uma das exposições que o Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Cascais se honra de poder apresentar a quem vive neste concelho e a quem o visita. No balanço de oito meses de mandato autárquico, é possível afirmar-se que a programação de artes plásticas se tornou um elemento marcante da mudança que, também no plano cultural, nos propusemos levar à prática. Ao falar da obra pictórica de Guilherme Parente, que acompanho há anos com prazer e justificado interesse, apetece-me parafrasear Georges Braque quando afirma que "na arte só uma coisa é importante: aquilo de que se não pode faiar". Mas, quando se aborda este universo pictórico é impossível não falar de elementos como o sonho, a memória visual da infância, a cor singular das viagens imaginárias ou a presença constante de animais e formas cuja origem está no que a natureza tem de mais profundo. De uma forma pessoalíssima, Guilherme Parente utiliza a pintura como uma chave mágica capaz de nos franquear os pequenos mundos onde a imaginação do nosso quotidiano repetitivo e por vezes cinzento raramente chega. E o pintor franqueia-nos a porta desses mundos da maneira mais serena e simples, o que torna a sua arte gémea do discurso da poesia.

A simplicidade da sua obra é apenas aparente, porque, atrás dela, prefila-se o labor que apura a técnica e a permanente experiência que burila o estilo. Reside talvez aí o seu maior segredo e a sua mais singular virtude. Sobre obras como esta terão, por certo, os críticos e os historiadores da arte muito para dizer e para escrever. De quem a olha com a inocência primordial de quem só quer gostar ou não gostar daquilo que vê, apenas se deve esperar o afecto que é capaz de traduzir a adesão dos sentidos e da memória dos sentidos. Há, com efeito, nesta arte de pintar muitos elementos que remetem, a cada passo, para a memória mais ou menos longínqua da nossa infância, da nossa felicidade incumprida, dos paraísos que um dia demos como perdidos e para a sensação de serenidade que esperamos que nos apazigue e conforte, num tempo de crispações e dúvidas a que poucos ou nenhuns conseguem escapar. Esta exposição de Guilherme Parente, onde vibra a corda tensa e sensível da poesia, dá-nos asas para viajarmos até aos lugares que só pelo sonho se tornam palpáveis. Daí resulta a sua grandeza e a sua sereníssima beleza. Dizer isto pode ser muito pouco, mas dito com o vocabulário dos sentidos é já bastante.

Setembro de 1994

José Jorge Letria Vereador da Cultura